

## Entre o caso clínico e o administrativo, a orientação pelo sintoma

Lilibeth García, Roberto Galván e Mackling Limache.

Laços, *instituição ainda em invenção*, inicia suas atividades há mais de 10 anos em Lima. É produto do esforço de vários praticantes de psicanálise em transferência de trabalho com a NELcf-Lima.

Na fundação da instituição diversas perguntas começaram a se formular: como fazer possível uma instituição na cidade onde pouco se conhece da prática psicanalítica? O que é uma instituição psicanalítica de orientação lacaniana? Existe uma particularidade da instituição na abordagem do sintoma, diferente do que acontece em nossos consultórios? A transferência seguirá valendo para o praticante, ou a dimensão institucional teria mais relevo? Mas, além disso: o que se coloca em jogo no um a um daqueles que sustentam a instituição?

Fomos colocando essas questões, tendo como orientação que a instituição não é a Escola, e, por conseguinte, ali não está a formação do analista. Então: qual a função do praticante na instituição? Nós encontramos o desejo de que a instituição faça o possível para que o encontro do sujeito com o discurso analítico se produza. Como parte dessa operação de bordar os limites do trabalho institucional e bordar o que seria a estrutura institucional, fomos recorrendo a um *working progres* da própria experiência que nos permitiu ler os nossos passos e decisões do devir da instituição. Assim, encontramos um impasse inicial no momento de instalar os processos internos de funcionamento, estabelecendo uma diferença entre o que nomeamos: *o clínico* e *o administrativo*. Presos durante muito tempo nessa formulação que não só era de natureza organizacional, mas era um aparato fundamentalmente sintomático, como se pode ler algum tempo depois. O sintoma da instituição, se é possível nomeá-lo, era o de acreditar *fantasmaticamente* na instituição sem sintomas, onde o cálculo, a teoria, a experiência e a suposta orientação, eram a garantia de uma instituição sem falhas. E se deixamos o institucional nos ensinar? Essa será a medida em que podemos introduzir sua inconsistência na conversação, na tensão entre a fixidez do dispositivo institucional, da própria estrutura e o singular da clínica que se produz no trabalho dos sujeitos que a demandam. Numa conversação que tivemos com Bernardino Horne, ele nos advertia que a administração deve ser pensada ao lado da administração do discurso analítico a medida em que esse opera na instituição ou permite a sua sustentação, o que nos afasta da burocracia e pode dar lugar a uma nova forma de se fazer existir.

É assim que num esforço de retomar ao interesse fundador do Laços, consideramos como um tratamento possível a uma orientação, o lugar da *conversação clínica*, tomando como ponto de partida e orientação o que se escuta dos tratamentos, dos encontros e de seus impasses, com uma pergunta clínica e institucional, a partir da qual a instituição toma corpo, já não como um *aparato sem falhas ou que não deve falhar*, mas como um lugar de conversação da clínica atual e de leitura dos sintomas contemporâneos.

Um desses encontros nos orienta sobre o lugar institucional a partir do qual se torna possível fazer a instalação de um dispositivo de escuta e que se orienta no singular do seu sintoma:

S. tem 19 anos, entra em contato com a instituição para solicitar uma consulta com um psicanalista devido aos seus *problemas de depressão*. Anteriormente, tinha se consultado com a psicóloga do Departamento de Psicologia da Universidade onde estudava, a qual lhe recomendou que agendasse uma consulta fazendo uso do convênio que existe entre a instituição e a universidade.

Na primeira sessão relata suas dificuldades acadêmicas, razão de estar prestes a ser reprovada no semestre. Ela conclui: *sou uma pessoa que procura recompensas imediatas, tudo que dá trabalho eu não consigo continuar, o que posso fazer?* O praticante se orienta por um significante na entrada institucional, seus *problemas de depressão*, e diante da pergunta de S começa a falar sobre o seu mal-estar, não somente acadêmico, e, a partir do reconhecimento que realiza no dispositivo, surge um elemento que se repete desde a época escolar e universitária: *não sentir parte do grupo*. A pergunta sobre pelo lugar no Outro e sua exclusão a leva, nas sessões seguintes, a colocar um tema que até então havia sido extremamente difícil de expressar em palavras: sua sexualidade, perante a qual havia tomado a decisão de *transicionar*, decisão que o compromete e diante da qual se *deprime*. Se pode produzir um deslocamento de um significante da época, *depressão*, a formação do seu sintoma em relação a sua sexualidade e a esse novo significante *transicionar*.